

Ano V, v.2 2025 | submissão: 20/12/2025 | aceito: 22/12/2025 | publicação: 24/12/2025

Feminismo, Decolonialidade, Patriarcado e Interseccionalidade: Uma Análise Crítica

Feminism, Decoloniality, Patriarchy, and Intersectionality: A Critical Analysis

Ana Carolina Oliveira Carlos Mestra em Ensino de História, ProfHist - UEMS. Doutoranda em História-UFGD. Email: anacarolinaocarlos@gmail.com

Resumo

O presente texto traz discussões de aportes teóricos discutidos na disciplina Tópicos especiais IV em Linguística: língua, feminismo e decolonialidades, acerca dos estudos decoloniais, a partir de enfoques nas questões de raça e gênero constituídas no patriarcado e relações de gênero. Desta forma, apresentar como os saberes do Sul construíram saberes epistêmico que trazem movimentos articulados entre gênero, raça e colonialidade. A partir das contribuições de pensadores como Lélia Gonzalez, Maria Lugones, Walter Dignolo, Catherine Walsh, Oyeronké Oyewumí e Aníbal Quijano que permitem análises interseccionais que vão na contramão do conhecimento universal eurocentrado, é possível entender como a dinâmica estrutural do patriarcado, juntamente com o pensamento decolonial se configurou ao longo do tempo, em determinadas sociedades.

Palavras-chave: Feminismo; Patriarcado; Decolonialidades.

Abstract

This text discusses theoretical contributions from the course Special Topics IV in Linguistics: Language, Feminism, and Decoloniality, concerning decolonial studies, focusing on issues of race and gender constituted within patriarchy and gender relations. It aims to show how knowledge from the Global South has constructed epistemic knowledge that articulates movements between gender, race, and coloniality. Drawing on the contributions of thinkers such as Lélia Gonzalez, Maria Lugones, Walter Dignolo, Catherine Walsh, Oyeronké Oyewumí, and Aníbal Quijano, which allow for intersectional analyzes that challenge Eurocentric universal knowledge, it is possible to understand how the structural dynamics of patriarchy, together with decolonial thought, have been configured over time in specific societies.

Keywords: Feminism; Patriarchy; Decoloniality.

Introdução

O patriarcado, sem dúvida nenhuma, é uma estrutura social que se configurou como uma forma de opressão social e hierarquização dos corpos ao longo do tempo. Sob a ótica decolonial, ele é analisado não apenas como uma estrutura universal, mas como um fenômeno atravessado pelas dinâmicas coloniais que racializam e dominam corpos.

Tendo em vista que, o feminismo contemporâneo se expande para além das fronteiras eurocêntricas, desafiando estruturas de opressão ancoradas na colonialidade do poder e na imposição de epistemologias dominantes. Assim, podemos perceber que, a articulação dessas perspectivas visa compreender como as hierarquias de gênero, classe, raça e epistemologias subalternas são moldadas pela colonialidade do poder e pelo patriarcado, enquanto propõe estratégias para resistência e transformação social.

Portanto, este discute as relações entre feminismo, decolonialidade, patriarcado e interseccionalidade a partir de uma perspectiva teórica fundamentada em autores como Aníbal Quijano, Walter Dignolo, Catherine Walsh, Lélia Gonzalez e María Lugones.

O autor Aníbal Quijano (2007) introduziu o conceito de colonialidade do poder como uma forma de compreender como as hierarquias globais são estruturadas desde o período colonial e perpetuadas no mundo contemporâneo. Segundo o autor, “a colonialidade do poder opera através da classificação social com base em raça, consolidando a dominação política e econômica” (QUIJANO, 2007, p. 93). Essa classificação racializada impacta não apenas as relações materiais, mas também a construção das epistemologias dominantes, determinando quem pode produzir, disseminar e validar o conhecimento em escala global.

Gênero e Colonialidade

A autora María Lugones (2008) expande a teoria da colonialidade do poder de Aníbal Quijano ao introduzir a noção de colonialidade de gênero. Ela elabora irá dizer que o patriarcado europeu, aliado ao projeto colonial, reconfigurou profundamente as relações de gênero nos territórios colonizados, introduzindo uma hierarquia binária e heteronormativa que antes não existia. Conforme Lugones (2008), “a imposição de uma heteronormatividade violenta e de uma visão dicotômica de gênero foi parte estrutural do domínio colonial” (LUGONES, 2008, p. 74).

Nesse sentido, a colonialidade de gênero, portanto, revela como gênero e sexualidade são categorias forjadas a partir de uma lógica colonial que subordina não apenas mulheres, mas também diversas expressões de identidade e sexualidade, em especial nas sociedades racializadas e periféricas. Além disso, a autora destaca que a intersecção entre raça, classe e gênero é fundamental para compreender as opressões sistêmicas impostas às mulheres colonizadas, particularmente as indígenas e afrodescendentes.

Esse conceito amplia as discussões feministas ao demonstrar que o patriarcado moderno é indissociável da colonialidade e que, para desafiá-lo, é preciso enfrentar suas raízes coloniais e raciais, pois “a imposição de uma heteronormatividade violenta foi parte integrante do projeto colonial” (LUGONES, 2008, p. 74). A partir dessa perspectiva, Lugones(2008) defende uma leitura interseccional e decolonial das lutas feministas, que leve em conta as experiências plurais e subalternas das mulheres no Sul Global.

Geopolítica do Conhecimento e Feminismo Decolonial

Mignolo (2003) propõe o conceito de “geopolítica do conhecimento” para evidenciar como o colonialismo criou uma hierarquia epistêmica, privilegiando as epistemologias europeias em

Ano V, v.2 2025 | submissão: 20/12/2025 | aceito: 22/12/2025 | publicação: 24/12/2025

detrimento dos saberes locais e subalternos. Ele destaca que “a colonialidade é a face oculta da modernidade; desvendar essa relação é crucial para desmontar as estruturas globais de dominação” (MIGNOLO, 2003, p. 35).

O feminismo decolonial surge como uma reação ao feminismo eurocêntrico, que muitas vezes ignora as experiências específicas das mulheres racializadas do Sul Global. Walsh (2009) enfatiza a importância de uma “interculturalidade crítica”, que propõe uma valorização das epistemologias configuradas como insurgentes e plurais. Para Walsh (ano), “a resistência epistêmica é também um ato de reexistência, de afirmação da vida frente às lógicas colonialistas de morte” (WALSH, 2009, p. 89).

Assim, o feminismo decolonial não apenas questiona o eurocentrismo epistemológico, mas também aponta para uma transformação das relações de poder globais, reconhecendo as múltiplas vozes e saberes que emergem das lutas das mulheres racializadas, indígenas e periféricas, permite, desta forma, um campo do saber mais amplo, singular e diverso, que esteja conectado com as realidades locais e focado em ações concretas para a transformação social.

Feminismo Latino-Americano e Interseccionalidade

Lélia Gonzalez (2011) foi uma das primeiras intelectuais a articular gênero, raça e classe dentro de uma perspectiva latino-americana, propondo um “feminismo afrolatino-americano”. A autora chama a atenção para as particularidades das mulheres negras e indígenas no contexto do Sul Global, cujas vivências são marcadas por múltiplas formas de opressão que se cruzam. Para ela, a interseccionalidade é essencial para compreender essas realidades, pois revela “as várias camadas de exclusão que definem a vida das mulheres subalternizadas” (GONZALEZ, 2011, p. 15).

Além disso, Gonzalez (2011) desafia a invisibilidade histórica das mulheres negras, evidenciando como o racismo e o sexismo estruturam as desigualdades sociais na América Latina. Sua proposta de um feminismo interseccional e decolonial convida a reconhecer a pluralidade das lutas feministas e a centralidade das experiências das mulheres afrodescendentes e indígenas na construção de um projeto emancipatório verdadeiramente inclusivo. Dessa forma, o feminismo latino-americano se apresenta como uma alternativa crítica e transformadora às abordagens feministas hegemônicas e eurocêntricas.

Reflexões acerca do pensamento de Oyèrónké Oyewùmí

Oyèrónké Oyewùmí (1997) questiona o pensamento universal das categorias de gênero impostas pelo Ocidente, destaca como a colonialidade transformou as relações sociais em sociedades

Ano V, v.2 2025 | submissão: 20/12/2025 | aceito: 22/12/2025 | publicação: 24/12/2025

africanas. Segundo a autora, em sociedades iorubás pré-coloniais, "o gênero não era uma categoria organizativa central, mas sim a idade, a linhagem e a posição social que determinavam as relações entre as pessoas" (OYÉWÙMÍ, 1997, p. 2).

A imposição colonial trouxe consigo a lógica binária e hierárquica de gênero, apagando formas de organização social alternativas. Para Oyéwùmí, "o olhar ocidental distorce e reinterpreta os sistemas culturais não ocidentais sob seus próprios termos, impondo categorias alheias a realidades diversas" (OYÉWÙMÍ, 1997, p. 3).

Nesse sentido, as reflexões de Oyéwùmí enriquecem o debate decolonial ao demonstrar como a crítica feminista deve considerar as epistemologias locais e desafiar o caráter universalista e eurocêntrico das categorias de gênero. Incorporar essas perspectivas amplia o potencial do feminismo interseccional e decolonial ao reconhecer a pluralidade das experiências e a diversidade dos saberes no Sul Global.

Para Oyéwùmí, compreender essas experiências é essencial para desconstruir o olhar ocidental e reconstruir epistemologias locais que valorizem a pluralidade e a diversidade cultural. Dessa forma, o feminismo decolonial e interseccional se fortalece ao incorporar uma crítica ao eurocentrismo, mas também ao reconhecer saberes ancestrais que foram marginalizados. A inclusão das ideias de Oyéwùmí amplia as perspectivas apresentadas neste texto, evidenciando que a luta contra a colonialidade de gênero e do conhecimento deve considerar as realidades plurais e específicas dos diferentes povos e culturas no Sul Global.

Considerações finais

Ao propor ideias sobre feminismo, decolonialidade, patriarcado e interseccionalidade, este breve texto destaca a urgência de projetos políticos e epistemológicos que enfrentem a colonialidade em todas as suas formas. A contribuição de autores como Quijano, Mignolo, Walsh, Gonzalez, Lugones e Oyèrónké Oyéwùmí ilumina caminhos para uma resistência que seja local e global, plural e interseccional, ao mesmo tempo em que desafia as estruturas do patriarcado e as epistemologias coloniais ao apresentar epistemologias de resistência e reexistência.

Referências

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo latino-americano**. Caderno de formação política do Círculo Palmarino n.1: batalha de ideias. Brasil, 2011.

LUGONES, María. **Colonialidad y género**. Tabula Rasa, n.9, p. 73-101. Bogotá: Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, 2008.



Ano V, v.2 2025 | submissão: 20/12/2025 | aceito: 22/12/2025 | publicação: 24/12/2025

MIGNOLO, Walter. **Sou o que penso: geopolítica do conhecimento e as diferenças coloniais epistêmicas.** In: _____. Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento. São Paulo: Humanitas, 2003.

OYEWUMÍ, Oyeronké. Conceituando gênero: a fundação eurocêntrica de conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: Bernardino-Costa, Joaze; Maldonado-Torres; Grosfoguel, Ramón. **Decolonialidade e pensamentos afrodiaspórico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder e classificação social.** In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2007.

WALSH, C. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, V. M. (org.). **Educação Intercultural na América Latina:** entre concepções, tensões. e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.